

PEREIRA, Marcelo Ricardo. *O Averso do Modelo*. Bons professores e a Psicanálise. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 181 p.

O *Averso do Modelo*. Bons professores e a Psicanálise, de Marcelo Ricardo Pereira, é um livro imprescindível para quem trabalha no exercício da docência, em pesquisa educacional e em instituições, podendo-se dizer que é de grande interesse para todos – ainda acrescentaria, psicanalistas ou não – pois qualquer trabalhador no campo da educação fará proveito desse escrito. Originalmente, o trabalho do livro compôs uma pesquisa de pós-graduação do curso de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e foi realizado em escolas da rede estadual de ensino de Belo Horizonte

Marcelo Ricardo inicia seu texto interrogando o que leva um sujeito a se tornar um bom professor e aponta, no decorrer da sua exposição, para a importância da escuta do desejo desse sujeito. Diz que, em relação à prática dos bons professores, existem muitas lacunas e é disso que ele vai tratar ao percorrer tais lacunas, buscando as características atribuídas ao professor pelo discurso pedagógico e, ainda, interrogar, via psicanálise de Freud a Lacan, acerca do sujeito, suas pulsões e seus efeitos.

A utilização do referencial psicanalítico, ao lado da antropologia, da lingüística e da história, é uma contribuição de peso, pois, ao desconcertar, desconstrói a educação e todo o imaginário ideativo que inclui alguns e, ao mesmo tempo, exclui muitos.

Desde o início, o autor posiciona-se claramente: “o ato docente, seja ele bom ou não, é, a nosso ver, essencialmente relacional”. Por meio do recurso metodológico, da história de vida, foram realizadas entrevistas com vários docentes, reconhecidos como bons professores por pais e diretores de escolas. Assim, pôde-se levantar acontecimen-

*Psicanalista e pesquisadora em educação.

tos singulares da prática desses docentes para entender o que é esquecido ou excluído pelo discurso pedagógico, qual seja: o sujeito do inconsciente e do desejo. O bom professor talvez seja aquele que leve a cabo sua falta-a-ser (terminologia lacaniana que redimensiona o inconsciente), falta que o move para além do saber fazer, ser e pensar. O avesso do modelo é, pois, a impossibilidade de construir modelos ideais de ação a imitar, o que muitas vezes deixa os professores em posição de *culpados*, por não conseguirem fazer o que pensam ser ideal; ou de *heróis*, por pensarem que deram conta do todo.

O autor faz uma crítica aos trabalhos da educação nas décadas de 1960-70 que perseguiam uma “sistematização e uma racionalização dos aspectos relacionais e metodológicos da ação pedagógica”, influenciadas, entre outras, pela psicologia humanista, centrada no eu. Nela era privilegiada, por exemplo, a aprendizagem do aluno – formação do seu ser, ser único – em detrimento de uma visão mais sociológica da aprendizagem. Dessa forma, educadores formados nesse contexto dependem de regras, técnicas e receitas derivadas das *teorias externas à realidade pedagógica*. E quais são as conseqüências? Docentes com essa formação criam uma “técnica ou um método para lidarem com o meio antes mesmo de definirem ou teorizarem sobre a singularidade da situação vivida”.

No caso dos *bons professores*, eles, também, utilizam critérios influenciados pela racionalidade técnica ou instrumental? Sim, eles as utilizam e não estão imunes às técnicas prescritas, porém o que se pode observar é que esses docentes tendem a praticar metodologias mais ativas, inovadoras e criativas: dão uma nova roupagem a técnicas já conhecidas, tornando-as diferentes. Conforme fragmentos de relatos dos professores introduzidos no texto do autor, pode-se verificar que os *bons professores* estabelecem uma *transferência com o ato de educar*, ou seja, o docente *coloca algo de si* nesse ato e não se preocupa em seguir um modelo, conforme podemos extrair do discurso de uma professora: “Eu não sou muito de pegar atividade dos outros não. Eu pego é a experiência. Dou mais importância ao trabalho feito por mim”.

Na seqüência investigativa do que é ser um bom professor, o autor agora intui que o ato de educar de um bom professor “tem a ver com a maneira como esse profissional se posiciona frente ao inconsciente, ou seja, frente ao cerne da descoberta freudiana: a emergência de uma divisão fundamental do sujeito, de uma ruptura, de uma hiância (termo de Lacan)”. Há que se entender o que faz um professor ser um profissional de sucesso ou bem-sucedido, quais fatores influenciam

sua prática e quais competências desenvolveu e que podem ser observadas em sua prática pedagógica, "mas também no que escapa à própria pedagogia". A meu ver, a maior contribuição desse livro está colocada nos esforços do autor para verificação desse escape ao estudar o campo educativo e o seu bom professor. Pois, conforme aprendemos com Freud, o sonho, o sintoma, e o *escape*, por exemplo, são manifestações do nosso inconsciente.

Os aspectos relacionais da educação, na maioria das vezes, são postos em segundo plano, e não há como privilegiar os aspectos metodológicos de cunho instrumental, a fim de caracterizar um bom professor, pois, como acreditou Freud, a aquisição do conhecimento passa pelo outro: neste caso, o professor. "O caminho que leva à ciência passa pelo professor." Dessa forma, a aprendizagem se dá via discurso do outro e esse discurso nunca permanece idêntico. Assim, o professor não dá a mesma aula, não usa as mesmas palavras para explicar um conteúdo em todas as turmas, ele enfatizará, sem o saber, determinados conteúdos e não outros, conforme as manifestações de seus alunos. Há algo, aqui, que escapa ao controle lógico-instrumental do professor. Podemos, assim, apreender com o autor que não há como desconsiderar o inconsciente freudiano no que tange aos aspectos ligados à relação professor/aluno. "Esses prestam-se a servir um ao outro, sob a tutela de um desejo que foge ao sentido, mas instaura uma servidão involuntária. O lugar do desejo, a falta é um efeito de linguagem: ao nomear o objeto, o sujeito necessariamente o perde."

Normalmente, é através dos comportamentos observáveis de um determinado professor, como, por exemplo, gostar do que faz, atuar de forma receptiva junto ao aluno, ser comprometido com o processo de ensino/aprendizagem, que dizemos se ele é bom ou ruim. Porém, há algo do aspecto relacional na experiência diária com os alunos que é sempre determinado *a posteriori*. O autor nos propõe pensar, então, o termo relacional como a expressão que traz à tona o seu próprio avesso, ou seja, o que é *da ordem de uma descontinuidade, de rupturas* e de confrontos *por haver estruturalmente a insatisfação do desejo*, este pensado como desejo inconsciente, para sermos fiéis a Freud.

Vale a pena seguir a trilha do autor e pensar a face relacional da educação, principalmente seu avesso, mas sem desconsiderar os demais aspectos que regem a ação do educador. Instiga-nos uma questão apontada no texto, qual seja: os aspectos metodológicos não contribuem, irresistivelmente, para que o docente ocupe o lugar de mestre-sabe-tudo? A formação do professor é repleta de modelos de

atuação que lhe permitem a utilização de diferentes técnicas e lhe dão a ilusão de que faz, por exemplo, uma avaliação objetiva do aluno, pois está baseada em sua *consciência inatacável*. “Esses aspectos levam o sujeito professor a agir como se estivesse isento, mantendo quase sempre um padrão ideal e funcional de acompanhamento do aprendizado do aluno. Um engodo.”

O processo de educar deriva de nossos atos, ainda que não saibamos deles – pois estão inconscientes – e podemos inferir que não há modelo de formação ou prática profissional que nos ensine a sermos bons professores. “Tampouco há, em verdade, o bom professor.” Segundo Marcelo, há historicamente a idéia do professor como profissional que sustenta um autodomínio capaz de anteceder os deslizes dos aspectos relacionais de sua profissão, não deixando, dessa forma, espaço para o imprevisível, para a falta de significação. A prática de bons professores não parece ter modelos preexistentes, podemos, sim, encontrar “bons professores cuja prática é instauradora de um modelo particular, novo e original”. Daí que o fragmento do discurso daquela professora citada anteriormente revela um modo particular de exercício da docência, modo esse que não dá para copiar e nem para ensinar: cada um inventa o seu.

“Cada professor, enquanto sujeito, requer que reinventemos aí a educação”. Essa é uma frase conclusiva do autor que nos provoca e, por isso mesmo, nos põe a trabalho.